

## OS ADULTOS E O GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM REGISTROS DE DIÁRIO

ADULTS AND GENDER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION IN DIARY ENTRIES

ADULTOS Y GÉNERO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL EN LAS ENTRADAS  
DE UN DIARIO

Marcelo Oliveira da Silva<sup>1</sup> 0000-0003-3961-7449

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – Pelotas, RS, Brasil; moliveiras@gmail.com

### RESUMO:

Este artigo aborda a influência da divisão binária de gênero na sociedade sobre o trabalho das professoras na Educação Infantil. Examina-se a expressão de gênero nas brincadeiras e nas atitudes das crianças, bem como a possível perpetuação desse binarismo nas práticas das professoras. Explora-se o conceito de gênero como uma construção social, distinguindo-o do sexo biológico, e como a sexualidade e a afetividade influenciam essa equação. Utilizando abordagem qualitativa, analisam-se diários de aula de um período em que o autor atuou como pesquisador e coordenador pedagógico em uma escola de Educação Infantil. São discutidos exemplos de intervenções pedagógicas para desafiar estereótipos de gênero e promover uma educação inclusiva. Conclui-se que é essencial questionar e redefinir as normas de gênero na educação, buscando novas pedagogias que permitam a livre expressão das identidades das crianças e a desconstrução de preconceitos.

**Palavras-chave:** binarismo; educação infantil; gênero.

### ABSTRACT:

This article looks at the influence of the binary gender division in society on the work of teachers in Early Childhood Education. It examines the expression of gender in children's play and attitudes, as well as the possible perpetuation of this binarism in teachers' practices. The concept of gender as a social construction is explored, distinguishing it from biological sex, and how sexuality and affectivity influence this equation. Using a qualitative approach, class diaries are analyzed from a period in which the author worked as a researcher and pedagogical coordinator in an Early Childhood Education school. Examples of pedagogical interventions to challenge gender stereotypes and promote inclusive education are discussed. The conclusion is that it is essential to question and redefine gender norms in education, seeking new pedagogies that allow the free expression of children's identities and the deconstruction of prejudices.

**Keywords:** binarism; early childhood education; gender.

### RESUMEN:

Este artículo examina la influencia del binarismo de género de la sociedad en el trabajo de las maestras de educación infantil. Examina la expresión del género en el juego y las actitudes de los niños, así como la posible perpetuación de este binarismo en las prácticas de las maestras. Se explora el concepto de género como construcción social, distinguiéndolo del sexo biológico, y cómo la sexualidad y la afectividad influyen en esta ecuación. Mediante un enfoque cualitativo, se analizan los diarios de clase de un período en el que la autora trabajó como investigadora y coordinadora pedagógica en una escuela de Educación Infantil. Se discuten ejemplos de intervenciones pedagógicas para cuestionar los estereotipos de género y promover la educación inclusiva. La conclusión es que es esencial cuestionar

y redefinir las normas de género en la educación, buscando nuevas pedagogías que permitan la libre expresión de las identidades de los niños y la deconstrucción de los prejuicios.

**Palabras clave:** binarismo; educación infantil; género.

## Introdução

Como será que a nossa sociedade dividida em dois gêneros influencia nosso trabalho como professoras na Educação Infantil? Será que nós estamos atentas ao modo como tal divisão afeta a infância? Como o binarismo de gênero aparece no nosso cotidiano com as crianças? Como a expressão de gênero aparece nas brincadeiras, nas falas e atitudes das crianças? Como nós, professoras da Educação Infantil, perpetuamos esse binarismo em nossas práticas, falas e atitudes? A partir desses questionamentos é que nasce o presente escrito. Nesse sentido, acredito que seja necessário entender gênero como um conceito que foi desenvolvido socialmente e que traz consigo, portanto, a construção social do que é esperado para meninos e para meninas no que tange o comportamento, gostos, atitudes, cores, interesses, vestuário, brinquedos e brincadeiras.

Falar sobre gênero não é tarefa fácil, mesmo com todos os avanços do conhecimento da área e da própria sociedade. Um primeiro ponto é entender a diferença entre sexo biológico e o gênero. Sexo biológico é aquele que nos é designado ao nascer, em geral, pela medicina. E gênero é uma construção social que determina certas características relacionadas ao feminino e ao masculino. Em segundo lugar, reconhecer que a sexualidade e a afetividade são elementos a serem considerados nessa equação. Assim, de forma simplificada, o sexo biológico varia entre macho, fêmea e intersexo, enquanto o gênero varia entre masculino, feminino e todo o guarda-chuva da não-binaridade. E a afetividade, a orientação e o desejo sexual variam entre a heterossexualidade, a homossexualidade e todas as variantes possíveis entre um polo e outro.

Neste escrito busco discutir algumas das questões de expressão de gênero, ou seja, como o gênero se manifesta de acordo com as convenções sociais comumente atribuídos ao masculino e ao feminino. As concepções sociais do que é gênero e como as pessoas expressam essas concepções têm mudado radicalmente. No meu entendimento, refletir sobre gênero é também ter uma posição crítica frente a tudo que nos foi ensinado como verdades absolutas sobre o que significa masculino e feminino. Mesmo que os estudos de gênero não sejam recentes, ainda há um longo caminho a ser percorrido, especialmente, no campo da Educação. Me questiono se a escola busca uma educação para a cidadania, igualdade, exercício e ampliação de direitos ou se

a escola ainda é um lugar de segregação entre as atividades ditas femininas e as masculinas, e que, portanto, reforça a separação entre meninos e meninas.

Este escrito busca analisar alguns excertos de meus diários de aula durante o tempo em que atuei junto a uma escola de Educação Infantil da rede privada de Porto Alegre primeiro como pesquisador e depois como coordenador pedagógico. Registrei momentos nos quais conversava com as crianças sobre questões de gênero a partir de seus questionamentos e conversas que ouvi e que entabulei com as crianças. Utilizo o termo “escola” de Educação Infantil, mesmo sabendo que há outras denominações, este é o termo amplamente utilizado no Rio Grande do Sul.

## Metodologia

Parto de uma abordagem qualitativa para entender os dados que foram produzidos. Para Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa “é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações”. Os autores continuam afirmando que, nessa modalidade, os “pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”.

O cenário proposto para estudo é de uma escola de Educação Infantil da rede privada de Porto Alegre. A escola em questão fez parte dos meus estudos durante o processo de doutoramento e, logo após, findada a pesquisa atuei como coordenador pedagógico. A pesquisa nesse campo durou entre agosto de 2013 e dezembro 2015 e a atuação na coordenação da escola aconteceu entre janeiro de 2016 e dezembro de 2019.

Para a produção de dados, utilizei o registro em meus diários. O desenvolvimento de diários de aula é uma fonte de documentação pedagógica importante. Segundo Miguel Zabalza (2004), eles servem à reflexão posterior da própria professora, constituindo-se como fonte de retroalimentação, ou seja, *feedback* constante sobre sua prática. A escrita de diários é uma forma de se isolar e de se conhecer melhor através da escrita reflexiva. Nesse sentido, utilizo excertos de meus diários de aula nos quais registrei conversas relacionadas ao gênero. Vale ressaltar que meus estudos do doutorado estavam relacionados às questões de inclusão e de relacionamento de amizade entre as crianças com deficiência e as crianças com desenvolvimento denominado de típico, portanto, as questões de gênero não foram analisadas na época.

As crianças e as professoras receberam pseudônimos para preservar as suas identidades. Optei por registrar as idades aproximadas das crianças, desconsiderando os meses.

## Resultados e Discussões

Acredito que seja importante para nós, professoras e professores e para outras profissões que dialogam com a área da Educação, poder entender que o gênero é engendrado a partir de construções sociais, que são sistematicamente reiteradas pelas mais diversas instituições; como a família, a escola, os grupos sociais, dentre outras tantas, a fim de moldar sujeitos e subjetividades a modos de ser e estar em sociedade, conforme estabelecemos nossas relações com o mundo. Se a concepção de gênero precede a nossa própria existência, resta a nós reconhecermos, questionarmos e nos conformarmos ou não às regras pré-estabelecidas. Desde o início, temos que deixar claro que não há nada de “natural” ao se tratar de gênero, sua bipartição e o que concebemos como sendo traços, características, brincadeiras, cores, atitudes, personalidades, posição social relativa a homens e mulheres. Em específico, na Educação Infantil, estamos falando de regras, comportamentos, expectativas sociais, modos de ser e de existir que regram aquilo que socialmente chamamos de feminino e de masculino aplicados às crianças.

Nossa sociedade eurocêntrica está polarizada em diversos dualismos, como menina/menino, fêmea/macho, homo/heterossexual, cis/trans, mulher/homem, negros/brancos, apagando todas as possibilidades que há entre cada um desses opostos. Guacira Lopes Louro (1997) aponta a escola como um espaço segregador e reforçador dessas polaridades. Louro (1997) afirma que a escola funciona como uma delimitadora de espaços, que utiliza símbolos e códigos, afirmando o que é permitido e o que é proibido, os lugares dos pequenos e dos grandes, as coisas de menina e as coisas de menino e assim por diante. Nesse sentido, ainda para Louro (1997, p. 84), “a escola [...] produz identidades étnicas, de gênero, de classe”. Por ação ou por omissão, no entendimento da autora, somos todos coniventes com a divisão proposta pela escola, que perpetua uma sociedade machista, racista e intolerante. Por ação ou omissão, a escola estabelece condutas normatizadas para meninas e meninos. A própria escola é um reflexo da maneira como a sociedade pensa e age. A instituição escola se perpetua como um espaço de regras e de normalização, mesmo frente à diversidade de seus alunos e professoras/es.

Será que a maioria das escolas ainda reforça as diferenças de gênero em seu currículo? A escola deveria ter por finalidade educar para a cidadania, igualdade, a compreensão e a valorização das diferenças e ampliação de direitos. “Presenciamos muitas escolas reproduzindo

práticas sexistas, que, através de normas, formas de avaliação, livros didáticos, currículos, disciplinas, etc., não problematizam e/ou não abordam as questões de gênero”, no entendimento de Cintia Teixeira e Maria Madalena Magnabosco (2010, p. 13). Nesse sentido, os estudos de gênero contribuem para a educação, pois problematizam e buscam desconstruir as masculinidades e as feminilidades hegemônicas. Entender e estudar gênero também serve para pensar sobre como constituem-se os seres humanos.

A sociedade acaba por repetir e impor determinadas características esperadas para meninos e para meninas e na escola a situação não é diferente. Ainda Teixeira e Magnabosco (2010, p. 21) apontam que “muitas/os professoras/es reproduzem práticas, ainda constantes, de reforçar o que seria exclusivo do universo dos meninos e do mundo das meninas”. A separação pode estar presente de diversas formas na escola, desde os brinquedos, as brincadeiras propostas, uso dos espaços coletivos (quadra, pátio, banheiros) até no reforço feito pela fala, ao repetir, por exemplo, que as meninas são as princesas, educadas e cordatas, enquanto os meninos são super-heróis, agitados e inquietos.

Um dos primeiros registros que fiz em meu diário que trata da cultura da escola com relação às questões de gênero foi o seguinte:

*Em roda, Lucas pergunta para a turma:  
- Quem gosta do Enzo? [Enzo é um menino com diagnóstico de autismo]  
Todos levantam a mão.  
- Tá, mas quem vai namorar o Enzo?  
Elis: - Eu nunca vou casar!  
Lucas: - Então é a Gigi!  
Giovana: - Eu também nunca vou casar!  
Sofia: - Eu me caso com ele, então.  
Lucas: - Eu achei que tu ia casar comigo...  
Sofia: - Pode ser também.  
Professora Denise: Pessoal, lembrem que namoro e casamento só depois que vocês forem grandes. Adultos!  
Elis: - Criança não namora! (Diário de Aula, 13 out. 2014).*

Em outro registro do meu diário aparece nova intervenção da professora Denise em outra turma, conforme segue:

*Gabriel e Coralina estão conversando na ponte do brinquedão do pátio. Maria, Kelly e Cíntia vão até eles.  
As três em conjunto: - Vocês estão namorando?!  
Gabriel fica brabo e sai. Coralina fica incomodada e vai atrás dele e seguem a conversa em perto dos tonéis. As três ficam espiando e rindo. A professora chama as três para uma conversa.  
Professora Denise: - Eu estou vendo o que vocês estão fazendo. Um menino e uma menina podem ser bons amigos, eles podem ser namorados também. Uma menina e uma menina podem ser boas amigas e podem ser namoradas também. Um menino e um menino podem ser bons amigos e podem ser namorados também. Eles são amigos*

*que estão conversando um assunto deles. O namoro vai acontecer com quem a gente quiser e quando formos adultos. Agora, vocês parem de interromper a conversa da Cora e do Gabi e vão brincar. (Diário de Aula, 26 nov. 2015).*

As crianças que aparecem nesses registros tinham na época 5 anos e estavam no último ano da Educação Infantil. A cultura de um adulto ter a autoridade de encerrar o assunto de criança e namoro era comum na escola. Presenciei em várias oportunidades as professoras, em especial aquelas que trabalhavam com os últimos anos da Educação Infantil – crianças entre 4 e 5 anos – reforçando a questão de que quando somos adultos podemos namorar e casar com quem a gente quiser. Assumi também esse discurso da escola e das professoras para as minhas relações com as crianças. Como, por exemplo, este registro feito quando as meninas tinham já 6 anos e estavam no primeiro ano do Ensino Fundamental:

*Estou no refeitório com a Marina, Luísa, Ana e Sara:  
Marina: – Com quem tu te casou mesmo?  
Eu: - Tu lembra que a gente já conversou sobre isso no ano passado? Eu te contei o nome do meu marido, é Andrei, lembra?  
Marina: Ah, é!  
Sarah: Ela é menina?  
Eu: - Não, ele é um menino. Andrei é nome de menino.  
Ana: - Meninos podem casar com meninas ou com meninos, não é Marcelo? E meninas também podem casar com meninos ou meninas.  
Eu: - Sim, gurias, quando a gente é adulto a gente pode casar com quem a gente quiser. Basta a gente se amar, gostar um do outro.  
Luísa: - Mas isso é quando a gente for grande, né! (Diário de Aula, 23 maio 2017).*

Essas conversas se repetiram muitas vezes durante meu tempo na escola. As variações foram poucas. Alguns meninos diziam ter nojo de beijo na boca e outras crianças relatavam que a família dizia que não pode um menino se casar com um menino ou uma menina se casar com outra menina ao que eu respondia que beijos na boca e casamento eram coisas que adultos deveriam lidar e que elas iriam ter tempo ainda para decidir quem gostariam de beijar ou casar. Tais preocupações pertenciam ao futuro. Há forças que operam a partir da linguagem que nos empurram uma espécie de enquadramento num modelo hegemônico heterocentrado. Isso fica claro nos comentários feitos quando os adultos veem duas crianças de sexos opostos brincando juntas e logo exclamam: “São namorados!”. Adultos partem do pressuposto da cis-heteronormatividade quando perguntam às crianças se estão namorando ou se têm namorado ou namorada — mesmo sabendo que crianças não namoram. Da mesma forma, os adultos repreendem um menino ao brincar de boneca ou uma menina que joga futebol.

Como professoras e professores devemos conhecer e trabalhar nos nossos próprios preconceitos, rever nossas posturas e entender como tratamos as meninas e os meninos sob

nossa responsabilidade. A heteronormatividade compulsória funciona como um ideal ao qual sujeitamos nossas crianças mesmo antes de nascerem. Na mesma proporção, é necessário que se reconheça que a nossa sociedade é gaylesbotransfóbica e erguida a partir da perspectiva do patriarcado e do machismo. Acreditamos que cabe às professoras e aos professores buscarem novas pedagogias que consigam em alguma medida para dar conta da realidade na qual vivemos, com informação, com segurança e acolhendo sempre as demandas das crianças. As diversas realidades das crianças e de suas famílias, historicamente, vêm sendo silenciadas e escamoteadas pela escola em nome de uma homogeneidade, seja ela etária, pela separação de gênero ou pela presunção de heterossexualidade e cisgeneridade. Assim, já é hora de buscarmos informação e conhecimento, que são as únicas armas contra o preconceito e o obscurantismo.

Outras questões nos chamam a atenção quando pensamos em uma sociedade generificada. Nas instituições de Educação Infantil, professoras, professores e equipe diretiva tendem a consolidar os comportamentos esperados de meninas e de meninos — desde a separação de brinquedos e de brincadeiras até falas como “meninos não choram!”, “meninas são princesas!”, “as meninas estão brincando quietas, enquanto os meninos estão bagunçando!”. Valem lembrar também outras práticas comuns nas escolas, como a separação da fila em meninos e meninas, atividades e propostas diferentes para meninos e meninas, organização dos espaços comuns separados ou ocupados de forma diferente por meninos e meninas. Guacira Lopes Louro (1997) afirma que as escolas e professores e professoras trabalham de forma consoante para que todas as regras que ditam as formas corretas de ser menino e ser menina sejam cumpridas à risca.

Em umas das turmas do último ano da Educação Infantil em que fiz minhas observações para a construção da tese, algumas crianças gostavam de brincar comigo de criar penteados, embora meu cabelo fosse bem curto, e de me maquiar para eu ficar bonito. O seguinte trecho do meu diário de aula traz um desses momentos de brincadeira com as crianças do último ano da Educação Infantil, por volta de 5 anos na época:

*Estou sentado no chão da sala, Otávio, Diogo, Laura e Luna brincam comigo de salão de beleza. Dois de cada lado. Otávio é muito carinhoso comigo e adoram mexer no meu cabelo e faz com muito cuidado. As crianças arrumam meu cabelo de diversas formas (!) e me passam várias coisas no rosto – potinhos, acessórios de bonecas, brinquedos de plástico – e vão narrando o ritual de beleza. “Pra ti ficar bonito, Marcelo”; “Agora um pouco de batom”, “Vamos pentear aqui e botar um prendedor”. (Diário de Aula, 01 maio 2015).*

Com essa turma, esses rituais de beleza se perpetuaram até o terceiro ano do Ensino Fundamental. Quando me encontravam na escola, pediam para mexer no meu cabelo e me



despentear para eu ficar mais “bonito” e davam risada das caras que eu fazia todo despenteado. Daniela Finco (2003) relata que, nas brincadeiras coletivas em uma instituição de Educação Infantil, ela observou que meninos e meninas brincavam juntos, independente dos papéis (feminino ou masculino) atribuídos nas brincadeiras propostas. As crianças buscavam apenas um companheiro para brincar.

A partir dos estudos de Finco (2003), a autora afirma que no universo da educação infantil as crianças geralmente brincam juntas, independentemente do tipo de brincadeira. Isto ocorre por elas ainda não terem tido interferência do adulto quanto ao sexismo ensinado pelos adultos. Por outro lado, conforme as forças sociais vão atuando, percebemos que as distinções de gênero vão ganhando espaço. Entendo que é relevante que as professoras diversifiquem as escolhas das propostas e brincadeiras, deixando a criança livre para escolher o que lhe agrada mais, possibilitando também sua própria construção de identidade, gosto, preferências e gênero. Trago outro exemplo que fala das questões de gênero e brincadeiras e apresenta uma intervenção da professora que atuava na turma de crianças de 3 anos:

*Entro na turma da professora Thalita. Ela está sentada no chão com a Clara, a Nina, a Kelly e a Roberta brincando de salão de beleza. Na turma tem uma caixa de beleza com muitos produtos de verdade, porém vazios.*

*Thalita: – Clara, aproveita que o Marcelo está aqui e maquia ele também.*

*Clara: - Não, né!*

*Thalita: - Eu já estou muito maquiada já! Vocês precisam de outra pessoa para maquiar.*

*Clara: - Não, ele é menino! E menino não usa maquiagem!*

*Thalita: - Quem disse que menino não usa maquiagem?*

*Clara: - A minha mãe!*

*Roberta: - Marcelo, tu quer te maquiar?*

*Eu: - Claro! Eu vou adorar.*

*Roberta: - Então, eu te maquio.*

*Thalita: - Muitos meninos usam maquiagem, Clara, por exemplo, na TV os meninos estão sempre maquiados. (Diário de Aula, 19 set. 2017).*

No momento em que nós professores/as da Educação Infantil desenvolvemos propostas, atitudes, convites, brincadeiras que valorizem as diferenças, as identidades, o brincar, o descobrir, o fantasiar, o imaginar, mostrando às crianças que não há papéis pré-definidos, que as cores não têm restrições, que não há diferença de poder entre homens e mulheres, que todos os brinquedos são de menino e de menina e ofertamos os mesmos desafios para as meninas e os meninos já estamos inserindo e trabalhando gênero de uma forma natural e de fácil compreensão para as crianças. No diálogo entre Clara e a professora Thalita percebemos que a linguagem é acessível à criança, não busca um confronto direto com a mãe da Clara, mas traz elementos para que ela repense a brincadeira. Entretanto, Clara não cede. Como apontado por



Finco (2003) há uma interferência do adulto na percepção de gênero das crianças e no binômio “coisa de menino/coisa de menina”.

Em muitos casos, a interferência do adulto com relação ao binarismo ainda não se consolidou por completo e as crianças buscam mecanismos para entender diferenças entre preferências por brinquedos ou brincadeiras. Como no exemplo registrado no meu diário de aula em uma turma de crianças de 5 anos:

*Minha conversa com Alice, Sebastião e Marcos:*

*Alice: - Eu vou na casa do Dudu brincar e daí tu pode vir junto.*

*Eu: - Ah, posso sim! Mas nós vamos brincar de quê?*

*Alice: - De boneca!*

*Eu: - Qual boneca?*

*Alice: - As Monsters! [Monsters High]*

*Sebastião: - Eu tenho uma igual a essa [e aponta para uma mochila]*

*Eu: - A verde ou a rosa? [a mochila tem o desenho de duas bonecas]*

*Sebastião: - A verde! Eu tenho muitas bonecas.*

*Marcos: - Tu quis dizer BONECOS?*

*Sebastião: - Não, bonecas! Eu tenho Monsters, Elsa e Ana [do filme de animação Frozen].*

*Marcos fica pensativo*

*Eu: - Que legal ter bonecas e ter bonecos também é legal! Tu tens bonecos, Marcos?*

*Marcos: - Eu tenho. Homem-Aranha, Hulk, Capitão América...*

*Eu: - Eu não tenho nenhuma boneca, nem boneco. Vou precisar que vocês me emprestem. Concordam em me emprestar, posso escolher uma Monster ou um boneco. (Diário de Aula, 12 mar. 2018).*

Concordo com o que Cintia Maria Teixeira e Maria Madalena Magnabosco (2010) afirmam no que se refere à escola ser uma instituição que tem por finalidade educar para a cidadania, igualdade, conhecimento e ampliação de direitos. Entretanto, em muitas escolas estão presentes práticas sexistas, misóginas, transfóbicas, que assumem diversas formas: nos comentários dos adultos, nas avaliações, nos livros didáticos, nas leituras escolhidas, na falta de entendimento sobre as diferenças, na supressão e apagamento dessas mesmas diferenças. Os estudos de gênero na escola proporcionam um novo olhar sobre as masculinidades e feminilidades. Na nossa conversa busquei deixar o Sebastião tranquilo quanto à sua preferência por bonecas como brinquedo e tranquilizar Marcos sobre a questão, permitindo que ele pudesse assimilar a informação. Vale ressaltar que esse foi o primeiro ano que Sebastião frequentava a escola, portanto, era novo na turma, o que justifica o desconhecimento de Marcos sobre as bonecas do novo amigo. Durante o ano, Sebastião trouxe várias vezes suas bonecas para compartilhar a brincadeira com as/os colegas.

O caminho, para Teixeira e Magnabosco (2010), é pensar novas pedagogias para novas práticas e novos modos de pensar na escola. Um projeto educacional que não siga um modelo preestabelecido e que não negue os sujeitos e suas subjetividades. É fundamental que nós

educadores e educadoras tenhamos uma formação continuada que abarque todas as questões anteriormente mencionadas, possibilitando desta maneira que se crie um campo educacional com um olhar mais amplo e acolhedor, no qual se possa olhar desde uma perspectiva que vá além dos binarismos: homem-mulher, macho-fêmea, hétero-homo, cis-trans, coisa de menina-coisa de menino, natural-artificial, certo-errado.

As crianças constroem ativamente seu gênero, inclusive não aceitando comentários sexistas de adultos, e transformando o entendimento desses adultos. Para que isso efetivamente aconteça, é necessário que essas mesmas crianças entendam e defendam seus postos de vista, permitindo que se questionem sobre os papéis destinados a meninas e a meninos em nossa sociedade. Se para as crianças o brincar é, além de uma atividade prazerosa, uma forma de conhecer e estar o mundo que habitam, é necessário que as formas de brincar sejam reguladas apenas por esse mesmo prazer, sem que sejam regradas aleatoriamente por gênero, que impõe restrições. A criança sente prazer em brincar com bonecas e o adulto, sendo uma figura de poder, impõe que sinta o mesmo prazer brincando com um caminhão. Uma educação sexista, racista e homofóbica, tanto nas famílias quanto nas escolas é prejudicial ao desenvolvimento pleno da criança.

O gênero das crianças também é construído e limitado pelo que elas entendem que possa dar prazer. Elas encontram prazer em fazer a “coisa certa” em consonância com o que se espera seu gênero, pois, a isso vem associada à aprovação dos adultos. Os olhares para um menino brincando de boneca informam e conformam sua inadequação. Assim, ser “masculino” ou se aproximar do “feminino” são valorizados, considerados certo, normal, apropriado, enquanto se condena o estranho, o anormal, o esquisito. Os discursos de gênero e às formas de exercício do poder têm forte presença social e apoio institucional. Há estruturas que reforçam o gênero a ser constituído de certo modo na sociedade.

Ainda com relação à necessidade de assumir um discurso que questione a performance de gênero exigida pela sociedade, escolhi três registros do meu diário que exemplificam questionamentos das crianças e as minhas respostas, conforme segue:

*André está na escada do brinquedão do pátio, me chama para conversar:  
André: - Por que o teu cabelo está rosa? [nessa época eu tinha feito uma mecha rosa no cabelo]  
Eu: - Ah, porque eu pinte. Tu gostou?  
André: - Não pode!  
Eu: - Por que não pode?  
André: - Porque rosa é de menina e rosa não pode porque tu é menino!  
Eu: - Mas, André, rosa é só uma cor. Eu posso usar rosa e continuo sendo um menino.  
Rosa é uma cor muito bonita e meninas e meninos usam rosa.*

*André: - Só a Pantera Cor de Rosa é menino e é rosa! Rosa não é de menino, meu pai disse!*

*Ele não aceitou meus argumentos. Chegando em casa, tentei descobrir se a Pantera Cor de Rosa era um menino ou menina. Me parece que é menino mesmo. (Diário de Aula, 14 ago. 2017).*

*Professora Denise saiu da sala e eu fiquei com a turma.*

*Mariana: - Isso é um colar?*

*Eu: - É sim! E tem um fone de ouvido, quer ouvir uma música?*

*Mariana: - Tu tem pulseiras também?*

*Eu: Tenho sim, mas hoje não vim com elas.*

*Mariana: - Hum, tu tem muitas coisas de menina!*

*Eu: - O que eu tenho que é de menina?*

*Mariana: Pulseiras e esse colar!*

*Eu: - Essas coisas são minhas, então são coisas de menino!*

*Mariana: Mas meninas é que tem essas coisas!*

*Eu: - Meninos também têm pulseiras e colares e são coisas de menino e eles usam.*

*Ela não se convenceu, mas saiu de perto de mim. Já notei que ela repara em tudo... cabelo, roupa, manchas de tinta na roupa das professoras... (Diário de Aula, 23 maio 2017).*

*Elisa me para no corredor da escola.*

*Eu: - Oi Elisa, tudo bem?*

*Elisa: - Eu te vi chegar.*

*Eu: - Também te vi chegar, chegamos juntos.*

*Elisa: - A minha mãe disse que o teu namorado veio te trazer.*

*Eu: - Bah, ele não é meu namorado é o motorista do Uber.*

*Elisa: - Mas a minha mãe disse!*

*Eu: - Pois é, mas o meu namorado nem tem carro.*

*Elisa: - Ele é pobre?*

*Eu: - Hum, ele não tem carro.*

*Elisa: - Então, é pobre! Coitado! (Diário de Aula, 1 jun. 2017).*

Essas três conversas aconteceram com crianças de 5 anos. Elas estão inseridas em um contexto maior que o da escola, além da família, como fica bastante explícito nas conversas, a própria sociedade binária traz aportes para as falas e concepções das crianças. Entendo que o meu trabalho e o de todas as pessoas adultas na Educação Infantil é buscar borrar esses limites entre o feminino e o masculino. A escola deveria ser um espaço de exercício da individualidade inserida em uma coletividade acolhedora, aberta e inclusiva. Uma escola assim descrita acabaria por influenciar e talvez educar as famílias. Cabe à professora trabalhar em seu currículo as diferenças, de modo a entender que as crianças têm características diferentes, necessidades diferentes, maneiras diferentes de entender as coisas. Não há espaço para a omissão, de modo que ações que venham acabar com o receio de abordar gênero e com o sexismo são relevantes para diminuir a distância social entre mulheres e homens.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e, portanto, representa as primeiras experiências das crianças fora do ambiente familiar e o ingresso no processo de escolarização. Há muitas críticas das autoras e autores que se filiam ao que chamamos de Pedagogia da Infância quanto à escolarização das crianças e à transformação delas em alunas e

alunos e a toda a gama de conceitos que implica em homogeneização, perda de identidade e submissão a rígidos padrões educacionais em nome de garantias de sucesso no futuro. Tudo isso passa por estabelecer um rígido padrão do que seja feminino e masculino, do que deva ser o papel social da mulher e do homem, do que pode indicar indícios de homossexualidade nas brincadeiras, brinquedos, uso das cores ou modo de se vestir. Da mesma forma, acontece a percepção das crianças sobre a atuação em determinadas profissões, como a de professores/as da Educação Infantil, conforme segue:

*Hoje a professora Denise não veio à escola. Está apresentando um trabalho. Eu a substituí junto com o monitor Pedro.*

*Roger: - Marcelo, a profe De não vem hoje?*

*Eu: - Não, ela está em outra cidade. Lembra que ela contou para vocês?*

*Roger: - E tu que vai ficar com a gente?*

*Eu: - Sim, eu vou ficar com vocês a tarde toda. Vamos nos divertir!*

*Roger: - A tarde toda?!*

*Eu: Sim, a tarde toda!*

*Quando chega o monitor Pedro a conversa se repete.*

*Roger: - Pedro, a prof. De não vem hoje?*

*Pedro: - Não, hoje somos eu e o prof. Marcelo.*

*Roger: - Vocês dois vão ficar com a gente?*

*Eu: - Sim, eu e o Pedro!*

*Roger: - A tarde toda?!*

*Eu: - Sim, a tarde toda! Nós dois e todos vocês!*

*Roger: - Mas vocês dois são meninos!*

*Pedro: - Sim, nós somos meninos. Tem também meninas e meninos brincando aqui contigo.*

*Roger: - E quem vai cuidar da gente?*

*Eu: - Ué, o Pedro e eu... vamos cuidar, brincar, lanchar, jantar... tudo com vocês.*

*Roger se acalmou um pouco ou aceitou a condição de passar um dia com dois professores meninos e foi brincar. Pedro e eu nos olhamos, rimos e comentamos sobre como é forte a figura da mulher na Educação Infantil. Claro que passamos uma tarde maravilhosa com as crianças. [Interessante pensar agora em retrospecto, mas o monitor Pedro, passou atuando até o final do ano de 2017 na Educação Infantil e depois pediu para trocar para a secretaria da escola] (Diário de Aula, 8 maio 2017).*

Vale ressaltar que o Roger, 5 anos na época, estava em seu primeiro ano na escola. Ele tinha vindo de outra cidade, posso imaginar que só havia professoras atuando na Educação Infantil, o que justificaria o seu estranhamento. Entretanto, equipes educativas compostas somente por mulheres é uma realidade comum nas escolas de Educação Infantil.

Junto com outros dois professores pesquisadores da infância — Valmir dos Santos Dorneles Júnior e Régis Wagner — escrevi sobre as contribuições de professores homens na Educação Infantil em um texto intitulado “Visões sobre o gênero masculino na Educação Infantil: perspectivas sobre a atuação de homens” (Silva; Dorneles Júnior; Wagner, 2020). Vale conferir este nosso escrito e outros tantos autores que se debruçam sobre esse tema.

Posso afirmar que a Educação Infantil, no Brasil, se constituiu como um espaço de trabalho feminino, esse processo se deu a partir de diretrizes ditadas pelo desenvolvimento econômico, pelo processo de urbanização das cidades, pelo espaço conquistado pelas mulheres na sociedade, pelo constructo social de masculinidade(s). Nesse processo, as crianças, sua educação e seus cuidados ficaram a cargo das mulheres, tanto as mães quanto as professoras. Atualmente, este cenário vem se modificando e há maior participação e divisão das tarefas no lar. Os homens têm sido vistos como parceiros no cuidado e educação das crianças.

Ao se debruçar sobre os estigmas profissionais, Luiz Alex Saraiva (2012) aponta que diversos estudiosos já se dedicaram ao fato de que determinadas profissões são indicadas de forma natural e exclusiva para os homens ou somente para as mulheres. Sabemos também que essa inclinação natural e divisão sexual do trabalho nada mais é que uma construção social lentamente naturalizada em nossa sociedade. Nos parece natural atrelar características estereotipadamente associadas ao feminino à professora. Como bem indica, Saraiva (2012, p. 157) ao elencar “paciência, delicadeza, organização, higiene, presteza”, como características femininas se estabelece que as atividades que envolvem o cuidar e o educar atreladas à profissão de professora, por exemplo. Frente a essa particularização generificada do trabalho, às mulheres cabem as profissões menos especializadas, com menor remuneração, com menos poder de decisão. A classificação entre trabalhos, a partir de uma oposição binária – trabalho de homem e trabalho de mulher – não é linear ou historicamente dada, podendo variar também com relação ao espaço geográfico. Para nós, ser professor/a é uma profissão especializada e com relevância social, mas ainda é uma atividade extremamente precarizada.

A educação infantil é um campo de atuação possível tanto para homens quanto para mulheres. Cada um é capaz de contribuir com suas particularidades. Acredito em práticas pedagógicas que possam educar para o respeito às diferenças e a sua valorização. Da mesma forma, espero que mais homens desejem ingressar na Educação Infantil e exercer sua docência com as crianças de forma a contribuir para seu desenvolvimento.

## **Considerações finais**

Neste texto, busquei refletir sobre como a nossa sociedade, dividida em binarismos de gênero, exerce uma influência marcante em nossas práticas como professores/as na Educação Infantil e nas vidas das crianças. É necessário questionarmos se estamos realmente atentos/as ao impacto das questões de gênero na infância e a como o binarismo de gênero se manifesta em nosso cotidiano e nas brincadeiras das crianças.

Fica claro que o conceito de gênero não é uma realidade fixa e universal, mas sim uma construção social moldada por normas e convenções que podem e devem ser questionadas. A expressão de gênero é fluida e diversa, abrangendo muito mais do que apenas os extremos masculino e feminino. Além disso, é importante considerar a afetividade e a orientação sexual como aspectos intrínsecos à discussão de gênero.

A escola, enquanto instituição fundamental na formação de cidadãos tem um papel significativo na perpetuação ou desconstrução das noções de gênero. A escola, por vezes, reforça estereótipos e separações entre atividades consideradas "femininas" e "masculinas", o que acaba contribuindo para a divisão de papéis entre meninas e meninos. Neste texto, busco discutir algumas novas pedagogias que promovam a igualdade, o respeito pela diversidade e a liberdade de expressão de gênero, de modo a desafiar os padrões pré-estabelecidos.

As práticas observadas, as interações com as crianças e as reflexões registradas nos diários ressaltam a necessidade de um olhar atento e sensível por parte das professoras e dos professores. A construção de um ambiente escolar inclusivo, no qual as crianças possam explorar suas identidades de gênero de forma livre e sem preconceitos, é fundamental para a formação de indivíduos mais conscientes e empáticos.

A transformação das práticas educacionais envolve um constante esforço de desconstrução de preconceitos e estereótipos arraigados na sociedade. A compreensão de que a escola reproduz as visões de gênero da sociedade nos convida a uma profunda autorreflexão e ação proativa. Não se trata apenas de desconstruir as barreiras de gênero, mas também de promover uma educação que valorize as singularidades e respeite a individualidade de cada criança.

Portanto, gostaria de encerrar este texto reafirmando a importância da construção de ambientes escolares mais inclusivos, onde todas as crianças possam se sentir acolhidas e respeitadas em sua diversidade de gênero. É um chamado para que professoras e professores assumam a responsabilidade de promover a igualdade, a empatia e a liberdade de expressão, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa, consciente e aberta à diversidade. Através do questionamento constante, da desconstrução de padrões obsoletos e da busca por uma educação verdadeiramente transformadora, podemos vislumbrar um futuro em que as limitações impostas pelo binarismo de gênero deem lugar a um ambiente de aprendizado que celebra a riqueza das identidades individuais.

## Referências

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15 – 41.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v.14, n.3, set./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863>. Acesso em: 03 ago. 2023.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Marcelo Oliveira da; DORNELES JÚNIOR, Valmir, WAGNER, Régis. Visões sobre o gênero masculino na Educação Infantil: perspectivas sobre a atuação de homens. In: BORGES, Leonir (org.). **Novas perspectivas para a formação de professores**. Rio de Janeiro: Dictio Brasil, 2020, p. 15-49.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Além dos estigmas profissionais. In: FREITAS, Maria Ester; DANTAS, Marcelo. (org.). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012, p. 149-168.

TEIXEIRA, Cíntia Maria; MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Gênero e diversidade: formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## SOBRE O AUTOR

**Marcelo Oliveira da Silva**. Professor da área da Educação Infantil no curso superior de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas, RS. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Contribuição de autoria: autor principal

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9732192400717277>

## Como citar

SILVA, Marcelo Oliveira da. Os adultos e o gênero na educação infantil em registros de diário. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e13819, 2023. DOI: 10.22481/redupa.v2.13819.